

JPT-8.7.1.3.59+1

Biblioteca Centro de Memoria - UNICAMP



CMUHE033150

F.1

RIBEIRO, José Alexandre dos Santos. O "Culto à Ciência" como consequência da vida intelectual de Campinas no século XIX. Correio Popular, Campinas, 15 abr. 1973.

José Alexandre dos Santos Ribeiro

O "Culto à Ciência" como consequência e causa da vida intelectual de Campinas no século XIX

Estas linhas são decorrentes da pesquisa que elaborei para uma palestra que, a convite do Prof. Dr. Telêmaco Paoli Melges, e como parte integrante das comemorações do primeiro centenário do lançamento da pedra fundamental do prédio do hoje Colégio Estadual "Culto à Ciência", fiz no último dia 10 de abril, no auditório do Palácio dos Jequitibás.

O que se pretendeu foi situar a fundação do colégio na paisagem intelectual de Campinas na época, que é a da "influência do café", como a configura o Sr. Celso Maria de Mello Pupo, na sua "Campina, seu berço e Juventude".

Na verdade, trata-se indiscutivelmente do "siglo de ouro" da vida cultural de Campinas, sobretudo em termos proporcionais ao que havia então, nessa matéria, pelo Brasil.

E, nesse sentido, o "Culto à Ciência" aparece, não como um fato insólito ou isolado, mas como decorrência de um "back-ground" econômico e social de alto nível, configurado com a segunda metade do século passado, e que o Colégio "Culto à Ciência" ajudou decisivamente a impor e a desenvolver-se.

Com base nesses pressupostos, e também no bem fundamentado embasamento filológico-pedagógico eivado do Positivismo, que motivou a idealização e a formação da sociedade civil que em 1869 se fez, para a fundação do colégio (e que foi recentemente estudada com profundidade pelos professores José Carlos Semedo da Costa e Agostinho da Costa de Oliveira, em trabalho que apresentaram ao Primeiro Congresso de História de São Paulo promovido no ano passado pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas), é que pretendo desenvolver este escrito.

Far-se-á inicialmente uma visão panorâmica da vida escolar de Campinas, desde os inícios, e com destaque para a segunda metade do século passado; analisar-se-ão depois os pontos básicos da linha sócio-econômico-cultural da cidade à época do surgimento do "Culto à Ciência", para, por fim, se destacarem os pontos básicos da herança pedagógico-cultural que nos legaram, principalmente, as três primeiras décadas da centenária escola, mais precisamente até 1910.

- II
- A história do ensino de Campinas, que ainda está para ser escrita, pode ser abordada a partir de uma periodicidade que a divide em quatro grandes etapas, bem nitidas e caracterizadas, para as quais proponho as seguintes respectivas denominações e datas limítrofes:
- 1) — Período pré-histórico — de 1797 a 1842
 - 2) — Período proto-histórico — de 1842 a 1874
 - 3) — Período histórico — de 1874 a 1910
 - 4) — Período atual — a partir de 1910

O período pré-histórico está aqui proposto da data da elevação de Campinas a Vila, com a denominação de Vila de São Carlos (o que se deu através do Auto de Erecção do Ouvidor Geral e Corregedor da Comarca de São Paulo, assinado no Luiz de Barros Monteiro, datado de 14 de dezembro de 1797, com base na Portaria do Governador e Capitão Geral Antonio Manoel de Mello Castro e Mendonça datado de 16 de novembro do mesmo ano) até a elevação da vila a cidade, com o nome de Cidade de Campinas (nos termos da Lei do Governo de São Paulo, datada de 5 de fevereiro de 1842 e sancionada pelo Presidente da Província, Barão de Mont'Alegre).

O período proto-histórico se propõe da elevação de Campinas a cidade, até o início das atividades do Colégio "Culto à Ciência" (inaugurado, como se sabe, a 12 de janeiro de 1874, em sessão solene realizada no prédio cujo centenário do lançamento da pedra fundamental estamos comemorando, e presidida pelo Comendador Joaquim Bonifácio do Amaral, depois, Visconde de Indaiatuba então Presidente da Sociedade Culto à Ciência, idealizada por volta de 1869, pelo ilustre agricultor campineiro Antonio Pompeu de Camargo).

O período histórico iria da inauguração do "Culto à Ciência" até ao ano de 1910, em que se assinala a fundação da Escola Prática de Comércio, depois chamada Escola de Comércio de Campinas, e depois Escola Técnica de Comércio "Bento Quirino", que é o primeiro estabelecimento escolar desse tipo a se impor definitivamente entre nós, e mesmo porque, depois de 1910, a rede escolar campineira começa a sofrer acelerada ampliação, no que se refere ao número de estabelecimentos, com o que parece iniciar-se a configuração típica de uma "fase de atualidade" no ensino de Campinas. Especificamente com relação ao "Culto à

Ciência" o ano de 1910 marca o fim da gestão do Diretor Prof. Arnaldo de Oliveira Barreto, que deixa o cargo a 3 de fevereiro de 1911, e é substituído pelo Dr. Antonio Rodrigues Alves Pereira.

Com relação ao período pré-histórico, sabe-se que o primeiro mestre-escola de Campinas (então Vila de S. Carlos) foi o sub-diácono Diogo Antonio Feijó, que ainda havia de ser Regente do Império do Brasil! O fato se deu por volta de 1802 ou 3, segundo o Prof. João Lourenço Rodrigues (nos seus "Subsídios para a história do ensino em Campinas, 1952, pag. 389 a 417) ou 1804, segundo o historiador Celso Maria de Mello Pupo (in "Campinas, seu berço e juventude", 1969, pag. 117). O que é fora de dúvida é que em 1804 os vereadores da vila fizeram representação ao Governador da Capitania, solicitando que Feijó, que aqui estava, na casa de seu primo Joaquim José dos Santos Camargo, aguardando idade para completar seus estudos sacerdotais, fosse nomeado Mestre Régio da Vila.

A nomeação não se deu, mas Feijó aqui ficou alguns anos, e voltou em 1812, e passando a lecionar, além das primeiras letras, Francês, Lógica e Retórica, até 1818.

O mais, eram outras tantas escolas isoladas e de iniciativa pessoal, com exceção de uma única escola pública de que se tem notícia nesse período e que, segundo o já citado Prof. João Lourenço Rodrigues, tinha 33 alunos em 1835, e o professor era Custódio José Inácio Rodrigues, conhecido como "Custódio Manco". Em 1838 sabe-se que a vila tinha 6689 habitantes, dos quais apenas 205 sabiam ler e escrever!

No período proto-histórico, que convencionalmente fizemos começar com a elevação de Campinas a cidade em 1842 a situação do ensino campineiro só se começa a modificar com o surgimento dos primeiros internatos, dos quais, os primeiros importantes foram o "Colégio S. João Batista", fundado na Fazenda do Laranjal, onde hoje é Joaquim Egídio, por João Batista Pupo de Moraes, em 1863 e, no mesmo ano, o Colégio Florença, só para meninas, fundado também em 1863 por Dna. Carolina Krug Florence. Estes foram os dois primeiros internatos aqui fundados, e sabe-se que foram muito bem conceituados em seu tempo, ensinando a ler, escrever, contar, e mais gramáticas inglesa e francesa, geografia, história pátria, geometria e

desenho. O Colégio Florence, onde lecionaram, entre outros, professores como Francisco Rangel Pestana e Julio Ribeiro, ensinava ainda Musica, doutrina Cristã e Prendas Domésticas.

Cite-se ainda, deste periodo proto-histórico, a Escola Alemã, a única dos anteriores a 1870 que ainda hoje existe em Campinas, e que foi criada pela Sociedade Alemã de Instrução e Leitura, fundada em 1863. A Escola Alemã adotou em 1931 o nome de Escola "Rio Branco", ainda hoje conhecida pelo rigor de seus métodos de ensino.

Por volta de 1869 e, portanto, ainda no nosso periodo proto-histórico do ensino campineiro, chegaram a nossa cidade os ministros protestantes Dr. George Nash Morton e Dr. Edward E. Lane, já com o definido intento de montar em Campinas um grande colégio misto, que começou a funcionar em 1872, com o nome de Colégio Internacional. O Dr. Morton incumbiu-se da direção do Colégio, enquanto o Dr. Lane instalou e dirigiu, três anos depois, o Seminário Presbiteriano, que depois se transformou, como se sabe, em Faculdade de Teologia.

Julio Mesquita, Carlos Gomes e Paulo de Moraes Barros foram, entre outros, alunos do Colégio Internacional, que teve um teor pedagógico vanguardista para a época. Contudo, em poucos anos o Colégio fechou, e seu fundador transferiu-se para São Paulo, onde fundou o Colégio Morton.

Se o periodo pré-histórico de nosso ensino foi o das escolas de primeiras letras, sem grande ordenação nem organização, e que mal conseguiram alfabetizar minimamente pouco mais de algumas centenas de nossos primeiros habitantes, o periodo proto-histórico, como vimos, caracteriza-se já pelo surgimento de estabelecimentos de ensino de bom nível, instalados em sedes próprias e especialmente construídas (ou, pelo menos, bem adaptadas) e que se constituíam já de forma empresarial, a partir de sociedades civis ad*ede-formadas, mas que, a não ser por dois casos notórios (o da Escola Alemã e o do Seminário Presbiteriano) tiveram vida efêmera não podendo, portanto, inscrever-se na Crônica de Campinas como instituições verdadeiramente históricas, com os pressupostos de perenidade e interferência decisiva nos hábitos da comunidade, que o termo faz supor.

Isso só vai acontecer com nossas escolas a partir exatamente do surgimento do Colégio "Culto à Ciencia", em 1874, com o que se inicia o periodo histórico de nosso ensino.

Em verdade, a pujança econômica a que Campinas foi levada com a cultura cafeeira por volta do terceiro quartel do Século XIX, criava a correspondente ascensão social na cidade que, evidentemente passava a configurar necessidades cada vez maiores e mais prementes de melhoria nos níveis da instrução na cidade

E foi, sem duvida, a consciencia dessa necessidade, mais os ideais cientificistas e instrucionais que graçavam por essa época em todo o país, graças sobretudo aos postulados do pensamento positivista — que foi a primeira corrente do pensamento europeu que teve aberto proselitismo no Brasil — mais o progressivo recrudescimento dos primeiros sentimentos republicanos, que geravam o espirito de desligamento em relação aos dispositivos emanados do poder publico brasileiro de então — foi sem duvida, repito, a consciencia de todos esses novos valores que reuniu homens como Campos Sales, Jorge de Miranda e Joaquim Quirino dos Santos, em torno da luminosa idéia de Antonio Pompeu de Camargo, de se fundar o Colégio "Culto à Ciencia" em Campinas.

Nesse sentido, o manifesto que esses homens tornaram publico na cidade, no dia 6 de fevereiro de 1869, merece seu transcrito no seu bojo, pelo que contem de claramente significativo do que acima vai exposto: "Convencidos de quanto é sensível nesta cidade a falta de um estabelecimento que se destine ao ensino primário e secundário, regularmente montado, de modo a poder realizar com o aperfeiçoamento possível a educação moral e intelectual dos alunos convencidos de que esta falta, dificultando a educação dos filhos deste municipio, embaraça de modo extraordinário o seu progresso moral, e assim neutraliza os grandes elementos de prosperidade que já possui; convencidos, finalmente, de que é já tempo de providenciar decisivamente sobre uma tão palpitante quanto urgente necessidade, tem os abaixo-assinados, para o fim de fazer edificar ou reconstruir um prédio com as acomodações especiais para o referido estabelecimento de ensino, se associado nas condições abaixo descritas".

Em cinco anos, o Colégio "Culto à Ciencia" estava em aulas.

Depois, vem o Liceu Salesiano N.S. Auxiliadora, nascido da desgraça do surto de febre amarela, que dizimo a população de Campinas em 1889, através do espirito cantativo de dona Maria Umbelina Alves Couto, do espirito empreendedor do então Conego João Batista Correa Neri e do alto espirito de colaboração dos Barões Geraldo de Rezende: segue-se o Colégio "Progresso Campineiro" fundado a 8 de outubro de 1900, por iniciativa, conforme o sr. Julio Mariano, em seu trabalho "O ensino em Campinas na atualidade" (in Monografia Historica do Municipio de Campinas", 1952, pág. 419 a 434," dos seguintes campineiros, que constituíram uma sociedade: Joaquim Alvaro de Sousa Camargo, Orosimbo Maia, Luis de Campos Sales e Artur Leite de Barros".

Surge depois, a 12 de dezembro de 1902 o hoje Instituto de Educação "Carlos Gomes", então Escola Normal "Carlos Gomes", que, de 1903, quando foi inaugurada, até 1924, funcionou em antigo e espaçoso prédio que existiu na esquina das ruas 13 de maio

e Francisco Glicerio, e alugado pela Prefeitura para abrigar a escola, até que se construiu o seu prédio atual, graças do interesse pessoal do ilustre campineiro dr. Heitor Penteado que, à época era Secretario da Agricultura, Viação e Obras Públicas do Estado.

Vem depois o Colegio "Sagrado Coração de Jesus", fundado em 1908 pelas Irmãs da Congregação de Nossa Senhora do Calvario, originais de Caors, Externato "São João", nascido em 1909 como entidade complementar do Liceu "N. S. Auxiliadora", e a Escola Técnica de Comercio "Bento Quirino", que é o primeiro esbalecimento de ensino comercial, realmente histórico na cidade, inaugurado a 18 de abril de 1910, por iniciativa do Prof. Omar Simões Magro e do sr. Hilario Pereira Magro Junior. Essa escola modelar que, a principio, chamava-se Escola Pratica de Comercio, e depois, Escola de Comercio de Campinas, recebeu o nome atual quando, vindo a falecer em fins de 1914, Bento Quirino dos Santos deixou, em doação para a escola cem contos de réis, com que o estabelecimento adquiriu a própria antiga residencia do doador à rua Benjamin Constant, esquina de Sacramento, que, após adaptações feitas por Ramos de Azevedo, passou a ser a sede da escola, hoje transformada em moderno edificio, que ainda a abriga em seus primeiros andares.

Citem-se ainda algumas outras escolas menores, que não chegaram até nós — como o Colegio Rosa, o Externato N. S. da Esperança ou o Liceu Alfredo Paiva, e teremos terminada a resenha do nosso periodo historico do ensino em Campinas. O mais, é o periodo atual, cuja analise não é escopo destas linhas.

III

Já vimos os fundamentos sociais, economicos e até filosófico-ideologicos que levaram à fundação do Colegio "Culto — à Ciencia".

Verdade seja dita; nenhuma outra escola de Campinas nasceu com tantas, tão claras e tão definidas motivações, expostas e defendidas por tantas e tão atuantes personalidades locais, como o nosso "Culto à Ciencia". E é óbvio que só esse fato não faz dele uma escola melhor que as outras — mas clarifica, grifa, acentua a responsabilidade funcional e profissional dos que nela labutam, fazendo-nos encarar com ainda mais seriedade e unção os nossos diários que-fazeres naquela insigne Casa de ensino.

Pois bem, do ponto de vista do panorama cultural de Campinas na época do fim-de-século, o "Culto à Ciencia" funciona como autentico divisor de águas que faz dele, como sugiro no título deste artigo, ao mesmo tempo consequencia e causa da vida intelectual de Campinas, naquela época.

Com uma população que devia andar por volta dos 10.000 habitantes (um recenseamento provincial de 1874, estimara a população da cidade em 14.200), Campinas possuía no inicio da década

de 1870, conforme nos conta Rafael Duarte (em seu trabalho "Sociedades Culturais", in Monografia Histórico do Municipio de Campinas", ed., cit., pág. 440-1), "quarenta e dois capitalistas, cento e vinte e nove proprietarios, duzentos e oitenta e quatro fazendeiros, vinte e dois lavradores de algodão, quinze lavradores de açúcar, quarenta e três lojas de fazendas, dezessete de ferragens, vinte e um armazens de molhados, louças, etc., cento e trinta e seis armazens de generos da terra, oito casas de importação e comissões, oito depósitos de açúcar, dois de cal, um de farinha de trigo e seis depósitos de sal".

No que se refere as prestações de serviços, e ainda com base no detalhado relato acima referido de Rafael Duarte, tinhamos já então "dois abrigadores, três afinadores de pianos, vinte e dois alfaiates, um alugador de carros para passeios e funerais, quatro armadores de galas e funerais, dezoito açougues, cinco barbeiros e cabeleiros, cinco bilhares, um vendedor de bilhetes de loteria, três caldeiros, trinta e dois carpinteiros e mestres de obras, tres casas de Saude, um chapeleiro, quatro cocheiros, duas confeitarias, tres depósitos de calçados, três depósitos de máquinas de costura, dois de generos americanos, sete de madeiras, duas fábricas de chapéus, duas de descarocar e enfiar algodão, cinco de liçores, cinco fábricas de máquinas para beneficiar café, cinco de troles, carros e carroças, seis ferradores, quatro fundições de ferro, bronze e metais, seis funileiros, sete hotéis, sete joalheiros, dezessete marceneiros, três modistas, sete olarias, seis ourives, seis padarias, dez pedreiros e mestres de obras, seis farmácias, duas (casas de) fotografias, oito pintores, quatro relojoeiros, sete sapateiros, onze seleiros, duas tipografias, três empresas de troles (sendo) duas para Jundiaí e uma para Rio Claro, três vidraceiros e um violero".

Registre-se ainda a fundação de uma "Sociedade Teatral Bohemia Dramática Campineira", em maio de 1870; e a Sociedade Alemã de Canto "Concórdia", em junho de 1870; e ainda em 1870, a 8 de setembro, que se publica o primeiro livro impresso em Campinas, o Almanaque de Campinas para 1871, de José Maria Lisboa.

E a 4 de fevereiro de 1871, Antonio Carlos Gomes, já glorioso e coroado de louros nesta cidade pela retumbante estréia de sua ópera Il Guarany a 19 de março do ano anterior, no Teatro "Alla Scalla" de Milão, rege em Campinas, no Teatro São Carlos, uma grande orquestra sinfonica, em memorável concerto. Aliás, é notório o fato de que o Teatro São Carlos já existia desde 1850, apenas 12 anos após a fundação do primeiro teatro português, e 37 anos antes da criação da "Companhia Campineira" de

RIBEIRO, José Alexandre dos Santos. O "Culto à Ciência" como consequência da vida intelectual de Campinas no século XIX. Correio Popular, Campinas, 15 abr. 1973.

"Águas e Esgotos"! E em 1886, o Teatro São Carlos apresentaria a Campinas Sarah Bernhardt, a maior atriz teatral de todos os tempos, em sua "Dama das Camélias"!

1872 é o ano em que, pelo Decreto Federal n. 5039, do dia 7 de outubro, autoriza-se o estabelecimento de um banco comercial e agrícola em Campinas; e a 11 de agosto, "com grandes festividades e demonstrações de jubilo popular", como diz José de Castro Mendes em suas "Efemérides Campineiras" (1963, pág. 42) inaugura-se a Companhia Paulista de Estradas de Ferro, ligando Campinas a Jundiaí; e a 1 de dezembro desse mesmo ano de 1872, funda-se o "Banco de Campinas", cuja primeira Diretoria é formada pelo Barão de Três Rios, pelo Comendador Manoel Cardoso e pelo Dr. Américo Brasilhense.

E a 1.º de janeiro de 1973 inaugura-se a primeira sede própria do Clube Semanal, fundado já em 1857, por Bento Quirino dos Santos, Rafael Sampaio, Cristóvão Manoel Alves e outros.

Este, em visão muito geral, o panorama sócio-econômico-cultural de Campinas, ao tempo da fundação do "Culto à Ciência": esta, a cidade e o meio humano de que o "Culto à Ciência" foi consequência...

O primeiro corpo docente do colégio foi composto pelos professores: Dr. Francisco Moretzsohn, Diretor, professor de Português e Alemão; João Bentley, Vice-Diretor, professor de Aritmética, Álgebra, Francês, Inglês e Geografia; Amador Bueno Machado Florence, professor de Latim, Francês e Desenho; Henrique de Barcelos, professor de Gramática Portuguesa; Antônio Martins Teixeira, professor de Primeiras Letras, Doutrina Cristã e Sistema Métrico; Leon Blazek, professor de piano e ginástica, Azarias Dias de Melo, professor de Música.

Cabe informar que o diretor e o vice-diretor do Colégio, no ato da inauguração, eram respectivamente, os professores Ferdinando Boeschstein e Daniel Uhlmann, que mantinham em Araraquara o Colégio Ipiranga, e que a 30 de novembro de 1873 tinham feito, pela imprensa local, a comunicação de que esse colégio seria incorporado ao "Culto à Ciência". Contudo, por razões que não conseguem apurar, a Sociedade "Culto à Ciência", já então presidida por Antonio Pompeu de Camargo (que, como vice-presidente, assumia inteiramente a Presidência, em substituição ao Comendador Joaquim Bonifácio do Amaral, afastado por razões de Saúde) rescindiu, em fins de Março de 1874, o contrato com os diretores do Colégio Ipi-

ranga, que foram substituídos, respectivamente, pelos professores Moretzsohn e Bentley.

Já a 19 de setembro de 1874, em pleno andamento do primeiro ano letivo do colégio, o Ministro do Império Conselheiro João Alfredo Correia de Oliveira dirigiu-lhe elogioso ofício, pelos altos serviços que o "Culto à Ciência" estava prestando à instrução pública nacional.

Fatos como esse, mais a rigorosa especificidade na divisão curricular das disciplinas, que acima se apresentou, mostram bem do alto nível do corpo docente que, a partir de 1874 o "Culto à Ciência" reunia em Campinas.

Contudo, a 23 de fevereiro de 1889 registra-se em Campinas o primeiro caso de três consecutivos e trágicos surtos de febre amarela, que assolaram a cidade até junho de 1892, ou seja por três anos e três meses!

A última consequência foi o fechamento do colégio, pela dissolução da Sociedade "Culto à Ciência", cujo patrimônio passava à Câmara Municipal, por resolução da Assembléia do dia vinte e quatro de dezembro de 1892.

Em decorrência de gestões da Câmara Campineira ante o governo do Estado, e a 26 de junho de 1894 saía publicada a promulgação, pelo então presidente do Estado, dr. Bernardino de Campos, da Lei que o autorizava a negociar com a Câmara de Campinas, a posse do prédio em que funcionava o antigo Colégio "Culto à Ciência". A transação deu-se a 8 de março de 1895 e seis dias depois, a Lei n.º 284 de 14 de março de 1895 cria "um ginásio para o ensino secundário, científico e literário, na cidade de Campinas"; por Decreto de 1.º de agosto daquele ano foram nomeados o dr. Mário Bulcão e o Comendador Tomás Paulo do Bom Sucesso Galhardo, respectivamente para os cargos de diretor e Secretário da escola.

IV

Finalmente, focalize-se agora o "Culto à Ciência" como causa da vida intelectual campineira a sua volta.

Na verdade, se, como se viu, esse colégio nasceu, sobreviveu e desenvolveu-se, tornando-se o segundo colégio estadual de São Paulo, e uma das mais

sérias e importantes escolas do país, não como fato isolado, mas como decorrência da estrutura econômica, social e cultural da época e da cidade que o criou, não é menos verdade que, uma vez criado, o colégio "Culto à Ciência" passou a interferir decisivamente na vida intelectual da cidade e do país, não só pelos formandos altamente qualificados que anualmente liberava e libera para a consecução de seus estudos superiores, mas também — e sobretudo — pelo alto teor cultural de sua invejável e famosa biblioteca, uma das mais importantes do Estado, pela alta qualidade de seus equipamentos técnicos, pela verdadeira ventura que, louvado Deus, o Colégio tem tido, como o idealismo e a alta competência administrativa e pedagógica de seus diretores e funcionários, e principalmente pelo brilho realmente nacional de seu tradicionalíssimo, irrevogável e invejado corpo docente.

E' evidente que não é pouco, o que aqui se poderia estudar, sobre os resultados da presença e da atuação do "Culto à Ciência" na vida intelectual de Campinas; contudo, limitemo-nos apenas — e não é — pouco o resultado da vinda para Campinas de Coelho Netto que, como cate-drático por concurso do "Culto à Ciência", aqui ficou de 1901 a 1904.

Em 1901, ano em que estavam abertas as inscrições de candidatos a varios concursos para preenchimento de cadeiras do colégio — inclusive a de Literatura, Henrique Maximiliano Coelho Netto, que vivia no Rio de Janeiro, onde já se tinha tentado formar em Medicina e Direito, vem com a família para Campinas, a fim de inscrever-se no aludido concurso. Os motivos imediatos para isso, dá-nos-os seu filho Paulo Coelho Netto, no livro "Imagem de uma vida": tendo ficado gravemente enfermo no ano anterior (em 1900), Coelho Netto, que não era rico, fora obrigado a vender tudo o que tinha para manter-se, inclusive móveis, livros e inúmeros objetos pessoais, resolvendo então tentar uma função que lhe desse um rendimento fixo, para poder recomeçar a vida (o ordenado de Coelho Netto no "Culto à Ciência" seria de 500 mil réis por mês).

Em 1901 Coelho Netto era no Rio um experiente jornalista, que tinha feito as campanhas abolicionistas e republicana (ele nascera em 1864) ao lado de José do Patrocínio,

que já tinha lecionado, como Lente, História das Artes na Escola Nacional de Belas Artes e que, como escritor, já tinha publicado romances como "A Capital Federal", "Miragem", "O Rei Fantasma", "Inverno em Flor", "O Paraíso", "O Rajá de Pendjab", "A Conquistista", "O morto", e "A Tormenta", além de livros de contos como "Rapsódia", "Baladilhas", "Fruto Proibido", "Album de Calibá", "Romanço", e "Seara de Rute"; já era também autor de livros de crônicas como "O meio", "Bilhetes Postais", "Lanterna Mágica" e "Por Montes e Vales".

Tendo sido depois Deputado Federal, Presidente da Academia Brasileira de Letras, e aclamado "Príncipe dos Prosadores Brasileiros", Coelho Netto já tinha escrito, quando veio para Campinas, alguns de seus melhores romances, como "A Capital Federal", "Miragem", "O Morto" e "A Conquistista", além de já ter escrito o seu livro de contos "Sertão", considerado pela crítica como verdadeira obra-prima no genero, sobretudo pelo seu rutilante estilo, que lembra o melhor de Mau-passant.

Esse, o homem que o "Culto à Ciência" trouxe para Campinas, e aqui manteve de 1901 a 1904. As provas dos concursos para as cadeiras vagas do Colégio em 1901, realizaram-se entre 5 de junho e 27 de julho daquele ano. Havia 51 inscritos para 9 cadeiras vagas, o que demonstra também o alto prestígio do Colégio.

Nomeado por Decreto de 9 de agosto, Coelho Netto tomou posse da Cadeira de Literatura a 17 de agosto de 1901, sendo Diretor do Colégio o Dr. Jorge de Miranda e Inspetor Federal o Dr. Antonio Alvares Lobo.

Entre os colegas de Coelho Netto no colégio, estavam intelectuais do porte de Eduardo Gê Badaró, Camilo Vanzolini, José Stot, João Von Atzingen, Henrique Augusto Vogel, André Perez Marin, Basilio Magalhães, Abílio Alvaro Miller e Manuel Agostinho Lourenço.

Uma vez instalado em Campinas, Coelho Netto relacionou-se logo com o melhor e mais culto de nossa sociedade promovendo, como fazia no Rio de Janeiro, reuniões sistemáticas em sua residência da Rua Francisco Glicério, que foi entre outros, frequentada por seu amigo Olavo Bilac, e pelo tímido e conflituado Euclides da Cunha que Coelho Netto conheceu em

Campinas, pela mão do amigo comum Cesar Bierrembach.

Pois foi dessas reuniões na casa de Coelho Neto, depois transferidas para o salão de pianos da Casa Livro Azul, que nasceu, como se sabe, a idéia da fundação de um clube cultural, onde se cultivassem exclusivamente atividades científicas e artísticas, e que reunisse assim o já grande número de intelectuais da cidade e de fora, que para cá tinham vindo graças ao Colégio "Culto à Ciência" e ao Instituto Agronômico (criado em 1887 pelo Imperador D. Pedro II, por indicação do Ministro da Agricultura, Conselheiro Antonio Prado, com o nome de Estação Agronômica de Campinas e passado em 1892 para o Governo Estadual, com o nome que tem hoje).

A idéia da fundação desse clube cultural concretizou-se em duas reuniões realizadas respectivamente a 25 de setembro e 19 de outubro de 1901, na casa do Engenheiro Edmundo Krug. A segunda dessas reuniões, Coelho Neto compareceu e propôs que o nome da entidade fosse Centro de Ciências, Letras e Artes, o que foi por todos aprovado. Incumbido, junto com Angelo Simões e César Bierrembach de redigir os estatutos da entidade, Coelho Neto, trabalhou nisso por alguns dias e a 31 de outubro são aprovados, em Assembléia, os Estatutos e o C. C. A. é fundado.

Nessa mesma Assembléia, Coelho Neto propõe a redação de uma Mensagem de congratulações a Santos Dumont, pelos seus feitos aéreos, e é incumbido de redigi-la como primeira manifestação oficial do Centro. Mais tarde a 18 de setembro de 1903, vindo Santos Dumont a Campinas, para as solenidades do lançamento da pedra fundamental do monumento-tumulo a Carlos Gomes, o Pai da Aviação, que foi aluno do velho "Culto à Ciência", foi saudado pessoalmente por Coelho Neto, em nome de Campinas, ao "Champagne" do almoço que lhe era oferecido na casa do Barão de Ataliba Nogueira.

Campinas deve ainda a Coelho Neto (e, portanto, ao "Culto à Ciência", uma de suas mais belas noites teatrais que foi o do Dia de Natal de 1903, quando no velho Teatro S. Carlos, especialmente iluminado a luz elétrica, graças a uma pequena usina geradora lá instalada pela Casa Livro Azul, do grande idealista e culto A. B. de Castro Mendes, levou a cena a peça "Pastoral" escrita por Coelho Neto em apenas dois dias, para essa ocasião, com músicos de Sant'Ana Gomes, Henrique Oswald, Francisco Braga e Alberto Nepomuceno, tendo estes dois últimos vindo a Campinas especialmente para a regência, o "ponto" foi feito por Benedito Otávio, os cenários e figurinos por Henrique Bernardelli, Julio Machado, Amélio Figueiredo e Alfredo Norfini.

Foi um espetáculo primoroso e luxuosíssimo, de cujo elenco artístico participaram pessoas da sociedade campineira a época, incluindo a esposa do autor, Dna. Maria Gabriela (Gaby) Coelho Neto, que integrou o coro feminino.

A "Pastoral" uma obra de Coelho Neto nascida de e para Campinas, acabou depois sendo montada no Rio e em Lisboa.

Aqui vai, pois, um expressivo exemplo de como o nosso Colegio Culto à Ciência, nascido do idealismo e do espírito empreendedor e culto de grandes homens, de que o idealizador Antonio Pompeu de Camargo é a cristalização da melhor imagem, cresceu, impôs-se e atuou decisivamente na formação do grande deslanche cultural de Campinas, entre os últimos anos do século passado e os primeiros deste.

Aizosa é a cidade em que o centenário de uma escola tem tanta nobreza e tanta importância como os gloriosos cem anos do Colegio "Culto à Ciência" de Campinas.

BIBLIOGRAFIA BASICA

a) Jornais, revistas e publicações avulsas:

1) Coleção de jornais de Campinas entre 1899 e 1905 (principalmente "Gazeta de Campinas", "Diário de Campinas" e "Cidade de Campinas") pertencente à biblioteca do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas.

2) Coleção da Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas.

3) Almanaque Histórico e Estatístico de Campinas — 1912, organizado por Benedito Otávio e Vicente Melillo — Tip. Casa Mascote, Campinas, 1911.

4) Almanaque "A Cidade de Campinas em 1901", organizado por Leopoldo Amaral, ed. da Casa Livro Azul, Campinas, 1900.

5) "Monografia Histórica do Município de Campinas" — ed. do Serviço Gráfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística — Rio de Janeiro, 1952.

b) Artigos e separadas

1) Duarte (Rafael) — "Sociedades Culturais" — in Monografia História do Município de Campinas — Rio de Janeiro, 1952.

2) (José Roberto do Amaral) — "Coelho Neto em Campinas" — Separata n.º 43 da Revista de História — São Paulo, 1960.

3) Lobo (Pelágio Alvarcs) — "O Centro de Ciências no quinquagesimo aniversário da sua fundação" — in Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas, n.º 58 — Campinas, dezembro de 1953.

4) Mariano (Júlio) — "O ensino em Campinas na atualidade in — "Monografia Histórica do Município de Campinas" — Rio de Janeiro, 1952.

5) Paula (Carlos Francisco de) — "Monografia Histórica do Centro de Ciências de Campinas" — in Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas, n.º 58 — Campinas, dezembro de 1953.

6) Rodrigues (João Lourenço) — "Subsídios para a História do ensino em Campinas" — in "Monografia Histórica do Município de Campinas" — Rio de Janeiro 1952.

c) Livros

1) Amaral (Leopoldo) — "Campinas, recordações" — Seção de obras de "O Estado de São Paulo" — São Paulo, 1927.

2) Coelho Neto (Paulo) — "Bibliografia de Coelho Neto" — Ed. Borsoi — Rio de Janeiro, 1956.

3) Duarte (Raphael) — "Campinas de Outrora" — Tip. Andrade e Melo — São Paulo, 1905.

4) Mendes (José de Castro) — "Efemerides Campineiras" — Ed. Gráfica Palmeiras — Campinas, 1963.

5) Paula (Carlos Francisco de) — "Culto à Ciência — Monografia — Histórica" — Campinas, 1946.

6) Pupo (Celso Maria de Mello) — "Campinas, seu berço e juventude" — n.º 20 das publicações da Academia Campinense de Letras — Campinas, 1969.

7) Santos Filho (Lycurgo de Castro) — "Campinas — Evolução Histórica" — n.º 19 das Publicações da Academia Campinense de Letras — Campinas, 1969.